

THEATRO DE MACRI.

Os amphitheatros eram edificios puramente romanos, de que os gregos não usavam; portanto, á epoca do dominio romano pertencem todos os que ainda existem na Asia Menor, nenhum dos quaes, comtudo, é comparavel na grandeza, nem no estado de conservação, aos de Italia e da França. Sobre uma eminencia, visinha a Nicea, acham-se umas ruínas, denominadas agora o palacio de Theodoro, pequena porção da muralha e quasi todo o alicerce ainda permanecem como monumento eterno da solidez das construcções romanas; ahi se contam doze varandas subterraneas de abobadas dispostas em forma circular e declinando para o centro, circumstancias que denotam que não podia ser senão um amphitheatro. O de Angora na Syria está quasi no mesmo estado; mas as feiras de tijolos misturadas com as pedras que o compõem marcam-lhe epoca menos antiga que a de Augusto. Tambem se encontram vestigios de uma obra d'esse genero em Bergamah, antigamente Pergamo, capital do reino d'este nome, fundado por Attalo, um dos generaes de Alexandre Magno.

As ruínas de theatros ainda são mais raras na Asia Menor, mas a sua conservação é em geral

mais perfeita do que as dos de Italia á excepção de Pompeia e Tuscúlum. O que é representado em nossa estampa está situado á beira do golpho de Macri e faz parte das ruínas de Telmisso: é como quasi todos os theatros da antiguidade fabricado no declive de uma collina que sustenta uma grande porção dos bancos dos espectadores; todo o semicirculo acha-se bem conservado; mas, as extremidades que o reuniam ao palco scenico, como não eram sustentadas pelo terreno, já desappareceram de todo. O theatro de Laodicea e outros na mesma região existem igualmente em bom estado comparativamente aos de outras partes do mundo, onde ainda se observam essas provas da magnificencia do povo rei que asoerbou a terra.

M.

Os monarchas devem identificar-se com as nações; mas os thronos devem estar sobranceiros a todas as facções.

No theatro do mundo alternadamente todos são actores e espectadores.

JANEIRO, 17, 1857.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

I

NA LAREIRA.

Continuação.

Neste entrementes que Aldonsa Peres e Marianna continuam sua tarefa, sem a interromperem, Sancha finalmente ronca bem ferrada no somno, e Beatriz acompanha seu primo Simão Rodrigues á refeição, tentemos descrever estes dois personagens.

Principiemos por Beatriz.

Não julgue o leitor que vamos á antiguidade pagã procurar o cinzel, com que os famosos estatuarios da Grecia e de Roma cinzelavam os grupos das suas donzellas, para levantar com elles o gracioso busto da virgem christã. O rosto severo d'aquellas só pode traduzir a expressão da alma materializada — expressão que se não casa com o perfil gracioso da donzella que deve reproduzir a idéa grandiosa de uma religião toda espiritual.

Nem seus famosos pinceis, nem suas riquissimas palhetas tambem nos servem para traçar e colorir o graciosissimo rosto das nossas virgens, poetizadas pela crença de um goso ineffavel que lhe desprende o espirito da forma terrena, para lh'o divagar pela infinidade dos espaços. A grega Iphygenia, resignada ao sacrificio, tem a expressão de uma dôr mundana; a martyr christã, correndo ao supplicio, retrata em todas as feições a alegria, que lhe inunda a alma, vendo aproximar-se a hora de se reunir ao principio immutavel de todas as coisas. Uma é grande nos affectos do mundo; a outra é sublime na crença do espirito.

Será, portanto, a nossa descripção mais apropriada ao typo que apresentamos.

Beatriz, collocada no meio termo entre a estatura elevada e baixa, achava-se n'aquella mediania, que não apparenta a mulher de alta para pretender a independencia, nem de fragil para unicamente vegetar encostada ao arri-mo que a ampare.

Ao vê-la dir-se-hia logo moldada para ser verdadeiramente a companheira do homem, e não sua tyranna, nem sua escrava.

Submissa em termos taes que não rastejavam na escravidão, sabia assumir a dignidade propria nas occasiões em que a mulher se exige o esforço e a constancia de mãe ou de esposa.

Reunindo á lucidez da sua intelligencia uma percepção clara, e naturalmente sagaz, parecia fadada para conselheira d'aquelle que a desposasse; e não talhada para lhe impor absolutamente a sua vontade.

O perfil d'aquella cabeça apparecia como circundado de uma aureola de bemaventurança celestial — resignada ao sacrificio quando fosse

mister, sublime no amor quando chegasse a amar.

Seu rosto mimoso moldurado em longas madeixas de cabello côr d'azeviche, tomava alternativamente a expressão de uma doce melancolia, ou uma suave alegria, segundo o estado d'aquella alma; e seus olhos, meigos e maviosos, traduziam a languidez de uma terna saudade e esperanza, ou o fulgor de um casto amor e reciproca sympathia. Nas linhas severas de um nariz bem contornado, não appareciam as rugas de quem se possui de colera ou odio; e em seus labios delicados que matisavam o carmin com o alvo de uns finissimos dentes, liam-se palavras de affecto e candura, que outras não podiam manchar, nem ter saida por aquella pequenina bocca costumada sempre á verdade, e nunca a mentir. Sua engraçada barba, posta em relevo por uma feiticeira covinha, rival de outras duas que se lhe descobriam nas faces ao sorrir, completavam o todo d'aquelle rosto que se unia ao tronco por um collo de cygne, e ao qual se seguiam as formosissimas formas da mulher qual o Eterno as destinou para alimentação da especie humana. A cintura era tão delicada e tão flexivel como o vime que graciosamente se curva. Ao ver-lhe seus pequeninos e delicados pés julgal-os-hieis pertencerem aos anjos, que os trazem sempre poisados em transparentes nuvens de azul e oiro!

Tal era Beatriz.

E Simão Rodrigues?

Não lhe busqueis o typo nem na classe elevada da sociedade, onde a alvura da pelle transparenciando as veias, e uma symetrica proporção de formas logo vos denunciam o apuro da raça; nem na mais infima, onde a rudeza do trabalho, a escassez dos recursos, e a negligencia que a acompanha desde o berço, causam uma especie de estranheza ao espectador logo ao primeiro aspecto.

Ide procural-o á classe media—á burguezia, que participa da primeira pelos desvios de ambas, e procede da segunda por essa lei natural que a impelle a elevar-se. Quer abastada, quer vivendo na mediania tem sempre um cunho que lhe é peculiar; e por isso nunca desce aos misteres mais rudes da vida, nem se consome na indolencia da primeira classe. Trabalha, e vive do trabalho honesto — do trabalho que enriquece o estado, porque é o seu nervo; que alimenta a classe mais baixa, porque lhe dá emprego; que negocia com a mais nobre, porque lhe offerece o necessario aos seus commodos. É, em fim, a classe do empregado, do militar, do proprietario, do lavrador, do negociante, do artista, e de outras eguaes profissões que se honram e os honram.

Varonil, sem pretensões ás formas robustas do athleta; apessoado, sem tendencias á galhardia do guerreiro; bem feito e contornado, sem rastejar pela effeminção; trigueiro algum tanto na côr da pelle, cerrado na barba, negro em

cabellos, tal era a pessoa do primo de Beatriz.

Em quanto ao moral — de caracter franco, e honestidade exemplar, sem nunca se torcer a preconceitos ou ambições, sabia conservar tão intacta, na idade de vinte seis annos, a fé commercial, que sua palavra bastava de garantia a qualquer somma, por mais exorbitante que fosse, apesar da mediocridade da sua fortuna. Por isso era muito estimado pelos da sua classe de mercador; e mais de um havia lançado sobre elle vistas de alliança com as filhas que tinham, no interesse de não verem desbaratada sua fazenda; pois ao contrario, Simão era homem, pelo seu trabalho, intelligencia, e actividade, para dobrar, ou triplicar os cabedaes.

.....
Agora que conhecemos a um e outro, e elles voltam a sentar-se á lareira, continuemos a narrar os acontecimentos d'este dia.

— A fé vos digo, minha tia, que o mercador Samuel era bom para thesoureiro da casa d'el-rei. . .

— Dize primeiro, Simão, se comeste a faltar, ou ainda ficaste algo-rem por saciar?

— Graças a Deus, por mais que me apresentassem não teria gana.

— Bem sabe que o primo alimenta-se de bem pouco. Bem ateimei para não deixar restos; foi o mesmo que martellar em ferro frio. Ainda ficou com que alimentar a dois pedintes, se por vendaval tão solto aqui viessem pedir esmola.

— Mas como ia fallando; encontrei-me com Samuel quando elle vinha do *Tronco*, de metter em ferros d'el-rei um desvalido, que por lhe sonegar fazenda que não teria de conto mais de dois ceitis, se tanto eu dera. . .

— O deshumano!

— Caiu em boas mãos a triste preta; mais lhe valera ser captivo da moirama.

— Qual! Sr. Samuel, lhe disse eu depois de regularmos nossa contagem, que, a juizos meus, não lhe ficou pouco no trato, apesar de muitas protestações de que tivera perda quando se lhe alvitrava ganancia. Não, que me não cegam assim as fallas brandas que elle emprega! . . . Sr. Samuel, lhe disse: — Aqui está um cruzado que é sua estima pela fazenda, e vamos ás justicas pela liberdade d'esse homem. . .

— Sempre bom! honrado sempre! exclamou sua prima.

— Encontrou-me com fallas de demora, por esquivaça ao mau tempo. Onde ha tardança, retruquei, se um homem se afoga! . . . Partamos já. . . E assim foi, que logo se portou por fé estar inteirado Samuel; e Vaz Gil, que assim se chamava o revendão, m'o agradeceu, ao ver-se solto, com muito cortezes meucios, e um forte aperto de mão.

— Se eu fóra rainha, disse Marianna, solicitara d'el-rei, ou mandara ás gentes de sua justiça transpassar os ferros de um para o outro.

— Bem fizeste, Simão, lhe disse sua tia. É obra meritoria qualquer alma tirar de pena com um *Padre Nosso* que se reze; não menos digno é porém aos olhos de Deus soltar um pobre encarcerado.

— E por mim te agradeço, primo, essa boa acção. Tenho que d'ahi nos hade vir ventura.

E assim dizendo, Beatriz levantou-se d'onde estava sentada, poisou com muito cuidado no mesmo sitio a almofada em que costureava uma capinha das que então andavam em moda, e foi direita a Simão dar-lhe um meigo aperto de mão.

Quem poderá descrever o effeito d'aquella acção no enamorado mercador?

Bastará dizermos que Simão se ergueu febril e agitado.

— Louvado Deus! por uma coisa de tanta desvalia, gabos tamanhos! . . . Ora já que vou tão miudo heide-me aventurar a contar-vos tudo. Vaz Gil que tem moradia cerca ao *Arco da Tanoaria*, além me guiou; e encontrei-me com sua mulher, e filhos que pranteavam aquelle tristonho successo. Ao assentar olhos n'elle, não tomavam por desengano a verdade do que estavam vendo; e força foi repetil-o muitas vezes para o crerem. Então a mulher enlaça-se-me ao pescoço, e os filhos abraçam-se-me ás pernas, que força me foi tambem chorar de enternecido; e por esquivar-me aquella scena vim seguindo de enfiada pelo Rocio, senão ainda ate ora estaria ouvindo palavras de gabo! . . . Vêde que só ao recordal-o as lagrimas se me escapam dos olhos.

Mas não era somente nos d'elle que estas pregoeiras da alegria ou dôr, borbulhavam e bem grossas; tambem os lindos olhos de Beatriz se debulhavam em myriades de aljofares, que, deslisando-se-lhe pelo rosto, similhavam perolas da aurora escorregando levemente pela rubra folha da rainha das flores.

Aquelle chorava de enternecimento pelo quadro que acabava de preseneear; esta, de seu natural benéfica e bemfazeja, por conhecer que amava um ente capaz de comprehender-lhe os sentimentos de sua alma.

Bem depressa estas lagrimas de felicidade se apagaram e seccaram, como se um vento abrasador as viera extinguir, ou um ardente raio do sol as resequisse no calice da flor onde estavam depositadas.

Bastou o som da aldrabada na porta da rua, e o timbre de uma voz bem conhecida, que penetrou agudamente por entre as rotulas da adufa, para aquellas lagrimas refluirem ao coração, que estavam alliviando, e trocar aquella scena de ternura n'outra do constrangimento.

Aldonsa Peres largou tão depressa o fiado, e com tanta precipitação se levantou para ir descerrar a porta, que por pouco não caiu sobre Sancha.

Esta, só n'esse momento acordou; e á noticia de ser o padre mestre Gaspar, desencruzou

as entorpecidas pernas, e foi seguindo sua ama.

— A benção do Senhor seja comvosco. Disse o padre mestre, entrando com o seu companheiro, e estendendo a descarnada mão ás duas velhas, que reverentemente lh'a beijaram.

E ao pronunciar estas breves palavras relanceou os olhos pela casa, e ao aperceber Simão, que se encostara com sua prima á janella, que se abria para o lado da *rua da Péla*, franziu imperceptivelmente o supercílio, e contrahiu os labios com um leve sorriso de desdem, mas tão rapido, que a vista mais perspicaz não lh'o perceberia.

Simão sentiu como o calafrio percorrer-lhe o corpo; e Beatriz apertou involuntariamente o braço a seu primo, como se um presentimento a impellira a pedir-lhe amparo.

Era a força da repulsão que assim actuava sobre aquelles tres individuos, que não tendo ainda motivos de agravo entre si, já se agravavam só da vista.

E quem pode dar razão da sympathia ou antipathia que sentimos por uma pessoa logo á primeira entrevista?

Ninguém.

E, contudo, esta força de attracção ou repulsão é bem natural!

Não tem os animaes instincto para conhecer as plantas que os podem nutrir ou matar?

E porque não hade tel-o igualmente o homem n'estas affeições ou desaffeições da alma?

O padre mestre Gaspar, retomando a impenetrabilidade do rosto, que a ninguem permitia mergulhar-lhe a vista no coração para esquadrihar-lhe os pensamentos d'alma, dirigiu um candido cumprimento a Beatriz, e uma leve saudação a seu primo.

— Oh! Como bella se vae refflorindo a açucena do Senhor, cultivada nos jardins da sua graça!... Como é santo ver a benção de Deus unir no espirito da nossa religião duas pessoas pelo sangue humanamente unidas!... Admirae, meus filhos; admirae o quadro da natureza que o horisonte ahí vos descobre, e os vossos corações rendam graças ao Omnipotente que de tudo isso é creador!

Beatriz correspondeu ao cumprimento com uma mesura, e Simão com uma leve inclinação de cabeça.

Depois voltaram-se para a janella, ou para verem quem passava, ou realmente para admirar aquelle magnifico ponto de vista; pois descobrindo-se d'ali parte da cidade de então, cingida pela segunda muralha de el-rei D. Fernando, se via ao fundo d'aquelle panorama o monte de Nossa Senhora da Graça, e toda a extensão, que decorre até á encosta do Castello aonde a muralha se fechava, coberta de vecejantes hortas. Para além a formosissima parte do Tejo que em ondas de safiras, e em outras de agua, banha as faldas do monte em que Palmella está assentada, e mais logares que se lhe avisinham ao longo da praia.

O padre mestre Gaspar voltou-se então para Marianna, que pacientemente aguardava a vez de lhe beijar a mão, e, estendendo-lh'a, levemente lhe tocou com os dedos na face, dizendo:

— Não me descuidei hoje. Eis o promettido *Agnus Dei*. Tendē n'elle fé e devoção, que muitos perigos vos hade evitar da alma, e do corpo.

A veronica de latão era tão polida e luzente, que podia correr parelhas com o oiro.

Depois de examinada pelas tres mulheres, Aldonsa Peres insteu com os padres para se sentarem; ao que elles se recusaram sob pretexto do avançado da hora, e dos urgentes negocios que haviam tido n'aquelle dia, e os obrigava a recolherem-se o mais breve possivel ao collegio para darem conta da sua commissão.

As velhas contaram então o medo que tiveram com a trovoada; os sustos causados pelo raio que caíra na cêrca, as orações que rezaram, e a desgraça de se lhes ter entornado toda a agua benta; ao que o padre mestre Gaspar prometteu remediar, enviando no dia seguinte nova bihinha.

— Senhora Aldonsa Peres, continuou o padre, que dia é amanhã?

— Se o não sei! É dos Santos Reis.

— Por isso mesmo foi que entrei em vossa poisada. Quereis reconciliar-vos, como tendes de usança?

— Se o quero, meu padre! As sete horas da manhã achar-me-hei na egreja.

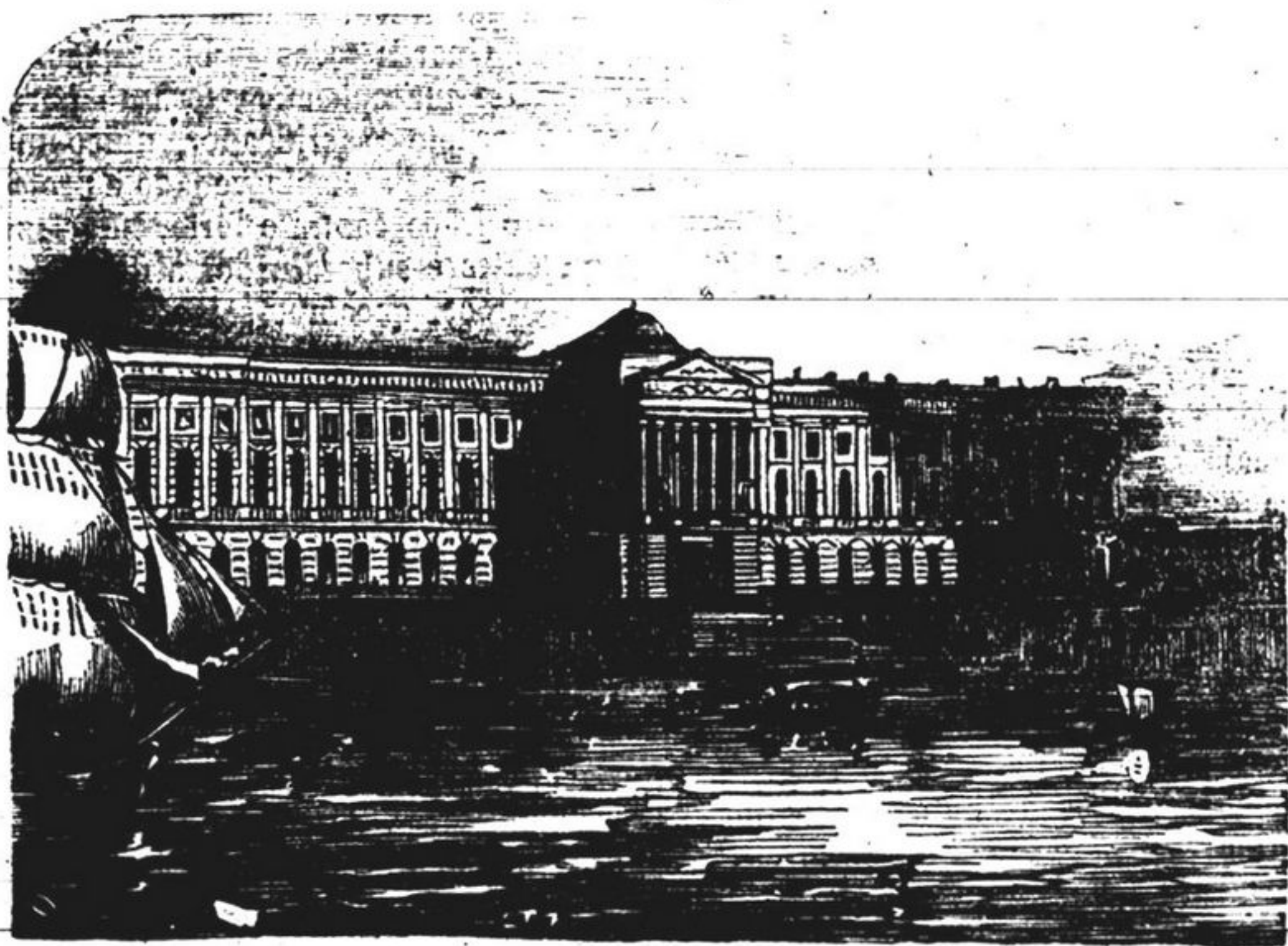
— Madre, exclamou vivamente Beatriz, lá apparece o *arco da velha* tão vivo e tão brilhante, mesmo sobranceiro ao Castello.

As mulheres e os padres correram á janella para admirar o *Iris*. O ceo estava no oriente carregado de nuvens que se desfaziam em chuva, e no occidente o sol tocava o seu occaso. Reflectia-se contra ellas n'um circulo brilhante, decorado com as sete côres do prisma, effeito natural da decomposição dos raios da luz.

Ao cabo de alguns minutos de muda contemplação, o padre Gaspar, ajoelhando em frente da janella, disse para os mais que seguiram o seu exemplo:

— Adoremos a Deus nas suas maravilhas. Aquelle é o signal da alliança de Deus com os homens, e o monumento da sua misericordia. Tal o prometteu a Noé, quando este santo patriarcha saiu da arca onde se salvou a raça humana. A Egreja está figurada n'aquelle arco, que assentado no ceo faz brilhar sobre todas as partes da terra a vivacidade das suas côres no meio das sombrias nuvens que o cercam! Aquellas côres tão vivas symbolisam as diversas graças que o Eterno espalha sobre sua divina Esposa, fiel em reconhecer que todas lhe provém d'elle, e que sómente este é o verdadeiro sol que a esclarece, e a faz brilhar aos olhos dos homens!

Continua.



ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES EM S. PETERSBOURG.

DILUVIO DE LUZ.

Continuação.

III

Entim o Senhor soltou os ventos que diminuiram as chuvas. O mar afastou-se das montanhas. O tufão parou nos ares. Os rochedos do Caucaso surgiram. O arco iris, signal de universal alliança, apparece no firmamento. No ceo e na terra vae seguir-se-lhe grande harmonia de hymnos e louvores. Geração perversa e adúltera pedia um prodigio e não lhe foi dado outro prodigio. Os maus, que escarneciam dos mais santos principios e perseguiam os sectarios da luz, foram aniquilados. Só os escolhidos da arca se salvaram. Grande é o seu futuro, grande a renascença, grande a empresa que lhes toca, porque resurgem depois de dias de soffrimento e tribulação.

Mas, comprehenderão elles todo o alcance da nova missão?

IV

O diluvio das aguas veiu limpar o mundo da raça humana pervertida, e transviada da sua vocação original. Mas esse castigo infligido em tempos de Noé não aproveitou. A lição perdeu-se. O meio foi inefficaz para melhorar os vicios da especie.

Muitos seculos ha que a humanidade (o maior numero do genero humano, a parte desherdada, e sacrificada) combate para chegar ao triumpho

d'uma organização social, onde a medida do direito seja uma, indefectivel e inquebrantavel. Contra os privilegios de excepção tem andado em campo alguns principios de luminosa e possivel equidade. Ora triumphantes, ora eclipsados, nem prosperidade nem revezes os desvairaram no espirito, ou afrouxaram na aspiração. Cada vez mais acesa tem conservado a fé na propria santidade, e na missão grandiosa.

Até agora toda a guerra tem sido entre o forte colectivo, e o fraco individual; que se assim não fosse, e em ambos os contendores se egualassem as condições de collectividade, os fortes foram menos fortes e os fracos menos fracos.

Agora, porém, parece chegado o tempo em que esses dois elementos fundidos como em dois individuos, vão achar-se um diante do outro, frente a frente. A pendencia deve acabar, e a victoria do fraco, egualado ao forte, sem oppressão nem disequilibrio social, proclamar-se. Ao imperio da razão e da justiça não ha poderes nem sophismas que resistam por muito tempo. Até aqui a liberdade foi um nome vão, que realidades negativas tornaram irrisorio. Esmagavam-na com pé desdenhoso quando queria menear a cabeça e remoçar-se. Nos antros e cavernas gemeu com ella, desconsolada, homisiada, e triste, a humanidade de boa fé. Ameaçaram-na, apuparam-na. Os privilegios nunca quizeram estender-lhe a mão, nem eleva-la até si. Mas ella protestou na sua condição miseranda subir ás mais altas prerogativas, de que os senhores foram, por seu mal, sempre tão avaros. Embalde se crera a principio que a razão

podesse, por si só, trazer a concerto de opiniões os exagerados e insoffridos dos dois campos. Foi mau, mas inevitavel que se empregasse o ostracismo contra a exaggeração d'actos e doutrinas, contra preconceitos deshumanos que ainda muitos guardavam no coração. Cegos e obstinados foram enfim banidos. Possessos de principios viciados não consentiam admoestação ou conselho; resistiam á modificação ou conciliação. A composição entre elles fôra ficção, e laço traiçoeiro aos bons. Esses elementos de perturbação e descredito foram anathematisados, desterados para sempre. Nenhum dos contendores conta, ou deve já gora contar com elles.

O plano final da regeneração pacifica, tem por si a força que profunda convicção e união crearam; é pensamento melhorado pelo estudo, e pelas grandes lições de experiencia dolorosa. Não se pedem diluvios d'agua, ou sangue, já sabidos inefficazes para obviar trevas, causa eficiente e primaria dos males e desconcertos do mundo. Para isso só um DILUVIO DE LUZ, que é o que os sinceros amigos da humanidade querem, e preparam.

V

Estamos na sazão em que deve semear-se a verdade. Agora é que ella não pode deixar de crescer, engrossar o tronco de dia para dia, e distender as franças por todo o mundo. Arvore de sciencia será uma arvore sagrada. Só para ella haverá sol que lhe dê vida, orvalho do ceo que lhe mitigue a sede, seiva na terra para alimento da rainha dos bosques. Nem sol, nem orvalho, nem seiva terão as outras, reprovadas como inuteis e venenosas. A verdade estenderá raizes por todo o solo, cobril-o-ha de ramos frondosos, cuja coma ascendente transpondo terra e espaço será escada para a bemaventurança e para a justiça. Sombreada pela verdade, a mentira; que até agora enchia o mundo d'espinhos e pestilências, definhará sem ter luz nem calor que lhe dê vida.

Na nova empresa ha muito que fazer material e moralmente, muito abuso que cortar, ulceras mui velhas que cauterisar na sociedade. Tal é a obra que incumbe á razão libertada, e ás mãos purificadas de commoções e tumultos. Paz e moderação nos labios, que não é entre discordias, que se hasteiam pendões de liberdade social. Perdão com generosidade, para fazer amigos, captivos pela clemencia. Punição aos crimes, para que a impunidade os não alente, mas sem mais austeridade que a da lei, porque nada ha mais amargo do que castigar.

VI

Até aqui blasonou-se muito da liberdade politica, e a liberdade politica não soube ou não pôde corrigir o mal na origem.

Já hoje se conhece que a liberdade politica é por si só uma idéa vã, vasia de sentido prati-

co, fallaz no meio de seductoras apparencias, promettendo beneficios que não dá e podia dar. Bem longe de ser a expressão da justiça e a amiga do fraco, deixa-o ao desamparo e esquece-o. Guarda todas as blandicias, toda a expressão de sua ephemera ternura para o poderoso, sacerdote e sacrificador, unico iniciado nos mysterios do seu templo vedado a profanos. Não protege o fraco contra o forte, não faz a ambos dependentes e subordinados a direito commum, mas escurece, encobre, salva da condemnação os crimes da prepotencia, que a corteja a toda a hora.

A liberdade social é a que é de todos, de fracos como de fortes, de pobres como de ricos. Hade levantar-se enfim sobre as ruinas da liberdade politica prostituida, desacreditada, sem moralidade, sem alma generosa que pranteie a malfadada na queda de ignominia. As armas que seus pseudo amigos levantam sobre os campeões da liberdade social, são tenue nevoeiro, que a apparição do astro luminoso da verdade, e a vulgarisação da sciencia, hãode dissipar. Nullas, impotentes toupeiras amam as trevas; a luz deslumbra-as, desconcerta-lhes as ambições immoraes de que viviam, e é para ellas o peior dos patibulos, o pelourinho de maior execração.

Com a liberdade social cada individuo será atalaia vigilante por si, e por todos. Só assim irão em esquadrão cerrado, caminho da illustração e progresso. Sciencia incapaz de beneficios, arte que a paz não engrandeça nem apriore, não as haverá. Não haverá fortes para o mal, porque não haverá fracos para o bem. Eguaes nos direitos da sociedade, e da vida, como na hora do nascimento em que por entre lagrimas e nudez caíram todos no mundo, haverá paz entre os homens, que hãode concentrar o pensamento na propria destinação, e conformar-se com as dôres e alegrias que prepararem ou não souberem evitar, mas sempre impotentes para fazerem reflectir sobre os outros o peso de suas magoas, ou as tramas da sua malignidade.

VII

O conceito que os espiritos fracos, ou perversos formam da nova philosophia social, dista da verdade, quanto o sol, que alumia com deslumbrante clarão, dista das trevas, que tudo desmaiam, tudo cegam, tudo escondem. Tambem os publicanos accusavam a doutrina de Jesus, e erravam.

A nova philosophia social, que ha tido prolongada paixão, deve tambem ter uma resurreição. Atraiçõem-na, prendam-na, arrastem-na de tribunal em tribunal e de juiz em juiz, condemnem enfim a innocente, despojem-na dos vestidos, corôem-na de espinhos, apresentem-na d'est arte ás turbas como espantalho aterrador. levem-na ao Golgotha; exhale ahi o ultimo alento, nem assim haverá triumphado o erro. O san-

gue da victima cairá sobre a cabeça dos reprobos. Credo tel-a sepultado, vel-a-hão no fim de tres dias resurgir ovante; e entre resplendores de luz ascender ao ceo.

A velha sociedade já não pode lançar da sua altura secular olhos desdenhosos sobre a nova tendencia social, mas diante d'ella enfia como a creança a quem fallam de encantamentos. Mesmo sentada nas nuvens succumbe ao peso do destino. A sede está carunchosa, carcomida dos annos e dos vermes. Accidentes doirados querem disfarçar-lhe e encobrir-lhe a fgaqueza do throno, mas já lhe não é dado illudir-se, e está proxima a desfallecer, sem ter sequer um cabello a que na queda possa lançar mão e pedir amparo. Precipita-se de barranco em barranco. N'ella encarnou o obscurantismo, que nem para si nem para ninguem quiz, nem illustração nem liberdade. Não tem feito senão conduzir pela mão a humanidade ao altar em que a immolava banhada no proprio sangue. Guia traçoira tem levado o cego á borda do precipicio em que despenhar-se. Viu impassivel o horri-vel espectáculo, o infeliz rolar pelgs alcantis com gemido surdo, dependurado um ou outro momento das pontas do rochedo, mas escorregando sempre para sumir no abysmo os membros despedaçados! — E acompanhou todo este sacrificio com uma gargalhada feroz!

A velha sociedade é incoherente e banal na accusação que faz ás novas ideias. Não as accusa por factos consequentes, pede a sua condemnação porque teme ver n'ellas o juiz austero e inflexivel que deve julgal-a. Como os judeus respondiam a Pilatos, quando lhes perguntava porque pediam a condemnação de Christo, não tem mais razões d'accusação do que este grito d'inveja e sedição — *Seja crucificado!* — Prefere favorecer os maus, que opprimem os justos: — prefere a soltura de Jesus, a soltura de Barrabas. Mas, pois é indigna da apothecose, nem por isso merece martyrio. Basta que seja expulsa pelo azorrhague, como os mercadores do templo. Em vão protesta contra o novo principio, que se levanta contra ella. Cõa um mosquito, e engole um camello. Quando os vermes do sepulchro a esperam para tragar tantas soberbas; quando tudo a aponta reprobá; ainda pensa poder dizer ao passaro que não võe, ao peixe que não atravesse os mares? Guerras e revezes são nada para a causa da humanidade, que renasce de suas proprias cinzas. Deus é poderoso para que de pedras nasçam filhos a Abrahão.

As paixões humanas tão preconizadas como obstaculo á grande reforma social, são como quaesquer sentimentos, susceptiveis de educação. A illustração que serve a desbraval-as, ensinará a contel-as. Tal é o primeiro degrau a subir na escada do capitolio.

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

COSTUMES PATRIARCHAES.

Eram os *patriarchas* perfeitamente livres, e as suas familias podem considerar-se hoje como um pequeno estado, sendo o pae o seu soberano.

Todas as suas riquezas consistiam especialmente em rebanhos. Estes compunham-se de cabras, ovelhas, çamellos, e burros. Cavallos e porcos não entravam n'esta conta, porque pequeno uso faziam d'elles.

Já nos tempos primitivos encontramos enumerados os escravos. Da sua necessidade provinha o grande numero que havia d'elles. Deve advertir-se porém, que n'aquellas longinquas eras, os escravos serviam para ajudar no trabalho, e não para o dispensar d'elle.

Conhecia-se tambem n'aquelles tempos o uso do oiro e da prata, pois se diz na *Escriptura*, que no tempo de Abrahão abundavam estes preciosos metaes.

Serviam-se tambem de perfumes; e isto não deve causar estranheza, porque o paiz que habitavam produzia-os exuberantemente.

No meio d'esta opulencia gram, contudo, laboriosos. Viviam sempre no campo, resguardados pelas suas tendas ou barracas, e mudando de habitação, ou acampamento, segundo a commodidade dos pastos, e necessidades dos seus rebanhos.

Não se nega que podiam construir cidades e villas, como os outros povos, que pela sequencia dos tempos se foram fixando nos paizes que habitavam; porém preferiam a vida pastoril, como a mais simples e a mais apropriada a desprender os homens da terra, e esperançal-os n'uma patria mais perfeita.

D'aquí se vê que a sua principal occupação era o cuidado dos rebanhos; e entregavam-se a esta vida com admiravel constancia. Não temiam as injurias do tempo, e para elles os raios arden-tes do sol, ou a cacimba da noite eram indifferentes.

As mulheres compartilhavam estas penosas occupações. Sirva-nos de exemplo a esposa de Jacob, a formosa Rachel, que ia tirar do poço a agua que bebiam os seus rebanhos; Sara, a esposa de Abrahão, que fabricava o pão necessario á sua populosa casa.

E estes officios domesticos não prejudicavam a nobreza e formosura d'estas mulheres celebres.

Que o sustento d'estes povos primitivos era frugal, bastará julgal-o por esse prato de lentilhas preparado por Jacob, e que tão tentador foi para Esaú, que por elle vendeu os seus direitos de primogenitura. O banquete com que Abrahão brindou os tres anjos seus hospedes, é d'uma simplicidade admiravel; — carneiro assado, pão asmo cosido sob a cinza, hydromel e leite!

Não se infira por isto que os antigos *patriar-*

chas não conheciam a caça; de quando em quando comiam os animaes apanhados n'ella. Veja-se o que a este respeito a *Escriptura* diz de Isaac e de Esaú.

A hospitalidade era um dos actos beneficis d'este povo; e levavam-a a tal ponto que muitas vezes chegavam a ser importunos para com os viajantes. Cedendo qualquer aos seus convites, então era para ver como toda a familia andava em movimento para obsequiar os seus hospedes, que reputavam enviados do ceo. O dono da casa lavava-lhes os pés, determinava as iguarias que se lhes deviam apresentar, e era o proprio que os servia. As mulheres n'esta occasião, ou não appareciam, ou vinham á presença do estranho, cobertas com grandes veos.

Não serviam as grandes viagens de obstaculo a estes povos primitivos. Qualquer homem as apprehendia sósinho, e sem algum soccorro ou adjutorio. Jacob saiu de casa de seu pae para ir a casa de Labão, seu tio, não levando comsigo mais do que um bordão. E o caminho que teve de andar era nada menos de duzentas leguas! Onde a noite o surprehedia ahi se deitava. Uma pedra lhe bastava para travesseiro. E este homem era o filho de Isaac, o neto de Abrahão, com quem os reis buscavam alianças com que se honravam!

OS MAGICOS DE PHARAÓ,

É uma verdade que se não deve acreditar só na palavra d'aquelle que se diz enviado por Deus. Deve-o provar por milagres que autorisem a missão de quem o enviou. Os magicos de Pharaó fizeram milagres! Logo eram tambem autorisados por Deus.

Aqui está uma proposição onde se faz necessario distinguir a verdade da mentira; a realidade, do prestigio.

Deus quiz punir um rei injusto, e uma nação criminosa que violara o direito das gentes, e os logares sagrados da hospitalidade, reduzindo á mais cruel escravidão um povo estrangeiro, ao qual o Egypto devia a salvação, e de quem não tinha motivo de queixa. Permittiu pois aos seus magos, que operassem prodigios para os confundir mesmo por elles.

Os egypcios adoravam o sol, debaixo do nome de *Osiris*, o rio Nilo, os animaes, e as plantas. Deus, por via de Moysés, converteu-lhes o sol em trevas, transformou-lhes em sangue as aguas do Nilo, e cobriu de ulceras os animaes, e os seus adoradores. Encheu o reino de animaes damninhos, destruiu-lhes as plantas com sariva e gafanhotos, para provar á idolatria que afóra elle não havia Deus.

Que differença, porém, entre os prodigios de Moysés e os dos magos de Pharaó? Os magicos, não podendo com a sua vara fazer brotar da terra nenhum d'aquelles animaes damninhos, que Moysés evocou sómente com a sua palavra, confessam a sua fraqueza, dizendo: — *aqui anda o dedo de Deus.*

A TERRA SANTA.

O paiz habitado pelos filhos de Israel teve muitos nomes. Primeiro foi designado pelo de *terra de Canaan*, em consequencia de ser occupado pelos descendentes d'este neto de Noé.

Contavam-se então n'este paiz sete povos divididos em muitos reinos, quando os hebreus, capitaneados por Josué, se apoderaram d'elle.

Chamou-se-lhe *Terra da Promissão*, porque Deus promettera dal-o á posteridade de Abrahão, Isaac, e Jacob.

Teve o nome de *Judéa* depois do captiveiro de Babylonia, porque a maior parte dos que vieram estabelecer-se n'elle eram da tribu de Judá.

Tambem se lhe chamou *Palestina*, nome dado pelos gregos e romanos por conhecerem primeiro os palestinos ou philisteus do que os judeus, por via do seu commercio.

Finalmente os christãos appellidaram-o *Terra Santa* por causa dos mysterios de Jesus Christo n'elle operados para a redempção do mundo.

Este paiz tem quasi sessenta leguas do meio dia ao norte, é oitenta do oriente ao occidente.

Limita-se ao meio dia por grandes montanhas que cortam o vento abrasador dos desertos da Arabia, e estas montanhas seguem na direcção do deserto pela banda do oriente.

O mar Mediterraneo limita-o ao poente, estendendo-se-lhe pela parte norte, e por isso o refresca com os seus ventos.

Pelo norte fica-lhe o Libano, cadêa de montanhas subdividida em seis ordens, que se vão levantando umas sobre outras como um lanço de escadas, oppondo assim grande barreira aos ventos glaciaes do septentrião.

O interior d'este paiz, antigamente tão fecundo como o diz a *Escriptura*, onde manam o mel e o leite, segundo as suas expressões, está dividido por innumeraveis montes e collinas, excellentes para o cultivo da vinha e de arvores fructiferas; e creação de rebanhos. Nos seus valles rebenta uma immensidade de correntes, necessarias á fecundidade do paiz que não tem outro rio afóra o Jordão. As chuvas n'este clima são raras, mas regulares, porque só abundam na primavera e no outono, ao que os livros sagrados chamam — «a chuva da madrugada e a chuva da noite.» No estio os abundantes orvalhos obstem á sequia.

Continua.

A.

A ingratição, e desobediencia dos filhos para com os paes seria substituida pelo amor, e respeito, se a lei desse a estes a livre faculdade de dispor de seus bens.

A noticia sobre a Academia de Bellas-Artes em S Petersbourg, cujo desenho apresentamos, reservamol-a para o numero seguinte, por não podermos dal-a no de hoje.